

EXPEDIÇÃO CAMINHOS DOS GERAES

Equipe: Nonada

Eram 10:45 h da manhã do dia 16/11/2006 quando a equipe Nonada partiu na garupa do Rosa, com a missão de conhecer mais de perto alguns caminhos do nosso sertão.

A primeira parada foi em Nova Esperança, onde foi discutido o tempo para cumprir todo o roteiro. De lá a viagem seguiu com uma parada breve em Mirabela e um delicioso almoço em Japonvar. Esse curioso nome se dá por a cidade está localizada em um entroncamento viário que liga as cidades de Januária, São João da Ponte e Varzelândia; juntando as iniciais desses nomes chegou-se ao nome de Japonvar que antes se chamava Cassete Armado. Próximo da cidade está o rio Mangaí, que em período chuvoso apresenta lindas e volumosas cachoeiras. Mas os moradores locais queixam que no período seco o volume de água vem reduzindo a cada ano devido à falta de preservação das nascentes e das margens, porém os moradores já começam a se mobilizar, como veremos mais adiante.

Ainda próxima ao rio Mangaí, encontramos a casa de Seu Braz Antônio de Oliveira, um senhor do tempo dos personagens de Guimarães Rosa. Nascido em 1901, seu Braz está com 105 anos de idade. Apesar das dificuldades auditivas e um câncer em uma de suas orelhas, oferece resistência para deixar o local, mesmo que seja para um tratamento. Segundo um de seus filhos, ele mora naquela casa desde 1925 e nunca saiu dali por muito tempo. Com dificuldades para pronunciar, seu Braz pede que não o retirem de sua casa. Hoje ele recebe os cuidados dos filhos e de sua segunda esposa, com quem ele se casou aos 57 anos. Com os seus 105 anos de sertão, seu Braz hoje guarda apenas para si as belas histórias que gostava de contar a beira de uma fogueira, dos casos das viagens feitas a Montes Claros em carro de boi nos tempos chuvosos.

Ainda em Japonvar, ouvimos o presidente da cooperativa de produtores de polpa de frutos do cerrado, o Sr. José

Antônio. A criação da associação visa valorizar os produtos do cerrado, em especial o pequi. A cooperativa produz polpa de umbu, acerola, cajá e pequi, comercializadas na região e geralmente utilizada na merenda escolar. A novidade da cooperativa é a retirada do óleo do coco macaúba, que é extraído tanto da polpa quanto da castanha. O processo ainda está em fase de teste. Como o pequi é o carro chefe, lá são processados cerca de mil e seiscentos quilos de polpa da fruta por safra. Em alguns casos eles compram o fruto de outra cidade, mas procuram beneficiar os da própria cidade.

Ao chegar na cooperativa, o fruto passa por um banho em água sanitária, é descascado, passa por um choque térmico e em seguida sua polpa é retirada manualmente. Em média, uma pessoa retira 18 kg de polpa por dia que, finalmente, vai para conserva, que é composta de água e sal na proporção de 1 kg de sal em 12 litros de água.

Contente com o sucesso da cooperativa, os moradores agora cobram ajuda para outra batalha, que é a preservação da nascente do rio Mangai. Na tentativa de revitalização, eles construíram uma barragem para que a água não escorra rapidamente ao invés de infiltrar no solo. Segundo o Sr. Antônio, a barragem deu resultados positivos, o problema é que segundo a ambientalista da Associação Mineira de Defesa do Ambiente – AMDA, sr^a. Maria Dalce, a barragem foi construída de maneira incorreta, pois o local era uma vereda que foi desmatada e é ainda utilizada para pastagem. O que deve ser feito é uma restauração da mata nativa. Ainda a barragem não permitiria que isso fosse feito, pois o excesso de água não permitirá o desenvolvimento das plantas.

Após uma rápida parada na cidade de Lontra, fomos direto ver o pôr do sol na ponte sobre o São Francisco. Dormimos em Januária e no dia 17/11/2006 pela manhã nossa primeira atividade foi visitar o centro de artesanato. Lá a Socorro

Isidório é quem coordena os alunos do projeto Cultura Viva do governo federal. Neste projeto eles aprendem sobre a região e suas próprias raízes. Além de novas técnicas que são aplicadas em artigos feitos de cerâmica, pinturas em telas, madeira e brotos de folhas de buriti.

Da turma de 25 alunos que formaram, apenas 4 alunas deram continuidade aos trabalhos do centro. Foram elas as artesãs Lais Evelyne, Ângela Ribeiro, Lúcia e Valéria. Elas se dedicam de corpo e alma às telas que estão em fase final e farão parte de uma exposição em Brasília/DF. A professora Socorro está ansiosa para apresentá-las no Distrito Federal, pois ela tem certeza de que o talento das garotas será reconhecido.

Em Itacarambi, ou pedra de duas faces, que é o significado desse nome indígena, visitamos uma creche, que é um verdadeiro modelo de dignidade para as crianças. A creche é uma iniciativa do prefeito, e vem dando resultados positivos no combate à desnutrição, além de oferecer educação para as crianças da região. Quem entra no local fica emocionado ao ver tanta alegria naqueles pequenos. Segundo o prefeito, grande parte delas é da zona rural e vai até a cidade para receber os benefícios oferecidos pela creche.

De Itacarambi, partimos de helicóptero para uma aldeia Chacriabá. Fomos recebidos pelo índio João Antônio, perguntamos a ele como está a situação da aldeia. Sua resposta foi que a aldeia recebe uma ajuda significativa. Hoje eles contam com certa estrutura, apoio financeiro do governo para as práticas agrícolas, assistência na área de saúde e de educação. Além disso, eles contam com uma brigada de incêndio e todos os seus integrantes participam de campanhas internas para a conscientização de prevenção contra as queimadas e preservação do meio ambiente.

Ainda na aldeia, conhecemos dona Cina, que nos fala do que ela presenciou nos seus 115 anos de vida. Segundo ela, foram duas vidas, uma, nos tempos de fartura, quando tudo era trocado, eles eram mais livres. A outra foi a partir do momento que começaram as batalhas para defender suas terras. Hoje os índios conquistaram suas terras, mas existe escassez e tudo é comprado. Para dona Cina, ambas as vidas têm momentos bons; em cada uma delas é possível ficar alegre. Ao perguntarmos qual era a receita para se viver tanto, ela responde que são as raízes, as ervas e o "tempo" (clima) do lugar.

De volta às equipes em São João das Missões, fomos para Manga dar uma olhada no velho Chico. Fizemos uma pose para foto e partimos para Montalvânia. Depois de horas de sacolejos na estrada, chegamos prontos para um bom banho e uma boa cama.

No dia seguinte, em uma breve parada no mercado central da cidade, abordamos moradores para nos informarem sobre degradações ambientais em locais como o rio Vaca Preta, as margens do rio Coxá, e o córrego São Matias.

Nesses casos, o Instituto Estadual de Florestas - IEF já está ciente dos problemas e buscando uma solução adequada. Outro problema enfrentado pelos pequenos e micro produtores rurais é a burocracia para se conseguir uma licença ambiental. Às vezes o produtor tem que se deslocar até cinco vezes a Januária, onde fica o escritório central, para conseguir a licença. Nessas viagens, eles enfrentam estradas em péssimas condições, problemas com estadia, exigência de um grande número de papéis que mudam a cada ano. Quando conseguem a liberação, muitas vezes já passou o período de plantio. Essas dificuldades estimulam o desmatamento clandestino e a prática de queimadas na região. Há locais, em reservas indígenas, onde as queimadas destruíram toda a mata nativa. Em situações como esta, há troca de acusações entre índios e fazendeiros sobre quem seria o autor do crime. Com isso, no lugar dos verdadeiros culpados, aparecem apenas novas queimadas a cada ano.

Finalmente o esperado Parque Estadual Veredas do Peruaçu. Lá a história, a fauna e a flora ainda estão preservadas. Visitamos uma vereda totalmente preservada. O sr. João, gerente do parque, foi o nosso guia. "O João do Óculos", como é conhecido, nos mostrou pegadas de animais como catitu, uma espécie de porcos selvagens que andam em manada de até 40, e ainda rastos de onça, antas e outros tantos animais raros que existem ali. Entres os mais ameaçados e até tidos como extintos, estão o veado sussua-para e o cachorro vinagre, uma espécie de cão selvagem que há muito tempo foi tido como extinto, mas que recentemente foi avistado e fotografado pelo Sr. João do Óculos. Daí se percebe a importância da criação dos parques, principalmente nas áreas que ainda estão, o de dar o direito e condições para que outros seres vivos dêem continuidade a suas vidas e nos ajude a manter o planeta vivo. Mesmo com todos os cuidados e esforços dos fiscais do IEF, o Parque ainda corre um certo risco: é o das queimadas, pois muitas vezes o fogo inicia fora do parque e é levado pelo vento para dentro dele. Na região ainda há muitas terras estaduais e federais que poderiam ser anexadas aos parques ou criados outros parques.

Do Parque do Peruaçu fomos para Olaria, local onde a cerâmica se destaca. Ao chegarmos, assistimos a uma apresentação prática, que acontecia para um grupo de estudantes de geografia. Rodeada pelos acadêmicos, estava D. Emília, algumas de suas filhas, netos e vizinhos, todos peneirando, molhando e moldando o barro. Durante essa demonstração, ela conta que começou a fazer o artesanato aos 13 anos de idade, sob a orientação de sua avó. Depois da morte dela, D. Emília ensinou o ofício para os parentes e vizinhos. E assim os artesãos começaram a multiplicar-se até formarem uma associação. Hoje, seus produtos são distribuídos por todo o Norte de Minas. Eles contam com uma estrutura onde abrigam os fornos, depósito de peças prontas, loca de preparo e moldagem das peças. Depois de aprontar as peças, D. Emília convidou todos para dançarem o batuque, uma dança típica da comunidade que, ao som do tambor e dos versos simples de seu Januário e de Dona

Mila, os visitantes e a comunidade batucaram com alegria,

E já quase no final; um delicioso almoço às margens do São Francisco ao som da viola do Rinaldo do IEF.

Às 20h, no Centro Cultural de Montes Claros, o fim de quatro dias de expedição com um pouco de cansaço, mas muita satisfação em ter conhecido mais de perto as belezas

e curiosidades de nossa região.

A Expedição mostrou na prática as dimensões do nosso mar de sertão, as coisas simples e essenciais para vitalidade do sertão e de nossa gente. Mostrou também que ainda há muito o quê descobrir, pois para isso é necessário observar mais de perto e com paciência e olhos de sertanejo.



Raiz/Couto Magalhães

Seu Braz

